



Ordem dos Médicos quer averiguação no Hospital de Aveiro

A Ordem dos Médicos (OM) quer uma averiguação ao funcionamento e qualidade dos serviços prestados no Hospital de Aveiro, onde morreu um médico quando se preparava para realizar uma cirurgia. A unidade, integrada no Centro Hospitalar do Baixo Vouga (CHBV) e que atende por dia uma média de 300 adultos e 100 crianças, está em ruptura iminente, com falta de médicos, de enfermeiros e de vagas para internamentos.

Segundo o presidente do Conselho do Centro da

OM, Carlos Cortes, que entretanto se reuniu com todos os clínicos do CHBV, «está em risco a qualidade da prestação dos cuidados de saúde, o que exige uma intervenção enérgica e firme da Ordem». A OM rejeita associar o excesso de trabalho à morte do cirurgião, mas garante que se vive um clima de tensão no hospital. Além disso, o responsável avisa que «existem debilidades na formação dos internos, muitos dos quais já manifestaram vontade de abandonar o CHBV».

A Ordem promete investigar a forma como estão a ser formados estes jovens médicos e pede que as entidades oficiais façam uma inspecção. Segundo Carlos Cortes é «insustentável» a «desorganização das escadas» dos médicos «que estão a ser chutados de um hospital para outro, sem aviso prévio e com mudanças imediatas de serviço».

Foi o que sucedeu com o cirurgião que morreu, Frias Coutinho, que tinha deixado de ser chefe de serviço de cirurgia. A pre-

ocupação consta de um relatório elaborado pelos médicos, enviado ao Ministério da Saúde, onde alertam para um ambiente de «medo, intimidação e perseguição a quem critica as opções da administração».

Também a Comissão de Utentes do CHBV tem vindo a chamar a atenção para os riscos do excesso de trabalho dos médicos, que está a colocar o hospital numa situação difícil, que pode agravar-se com o encerramento do pólo de Estarreja e a redução dos cuidados prestados na uni-

dade de Águeda.

Faltam camas e macas

Desde o início do mês que os membros daquela comissão alertam para o «cansaço elevado dos profissionais e uma diminuição da qualidade e segurança dos cuidados prestados». Além disso, têm lançado avisos sobre a «falta de macas e de camas que levam à retenção de ambulâncias, durante horas a fio à porta, nas urgências; com os doentes a ficarem dias à espera, no corredor,

pelo internamento». Catarina Oliveira, que preside à comissão, fala ainda em «desorientação na gestão e escalas de legalidade duvidosa».

Longos períodos de trabalho levaram o médico Frias Coutinho a marcar quatro cirurgias para o mesmo dia. Na segunda cirurgia, já com o paciente anestesiado, o médico entrou em paragem cardio-respiratória, tendo acabado por morrer.

(Excerto do artigo de Amadeu Araújo In Jornal Sol)